

# Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

---

## OS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

*Maria Madalena Pavelacki Cal*

*Boletim Gaúcho de Geografia, 29: 77, 96 jan., 2003.*

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38745/26254>

---

Publicado por

**Associação dos Geógrafos Brasileiros**

---



Portal de Periódicos  
**UFRGS**

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

---

### Informações Adicionais

**Email:** [portoalegre@agb.org.br](mailto:portoalegre@agb.org.br)

**Políticas:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

**Submissão:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

**Diretrizes:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

---

Data de publicação - jan, 2003

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

# OS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE GEOGRAFIA: uma análise dos livros didáticos\*

Maria Madalena Pavelacki Cal\*\*

## Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar o desenvolvimento dos conceitos fundamentais de Geografia nos livros didáticos devido à importância que atribuímos a eles no ensino enquanto elementos necessários à compreensão do espaço geográfico. Nesse sentido, procuramos contextualizar a importância dos conceitos fundamentais da Geografia para desenvolver o raciocínio geográfico e fazer a interpretação da realidade. A análise centrou-se em livros didáticos de Geografia para a sexta série distribuídos às escolas públicas de Porto Alegre, através do Plano Nacional do Livro Didático – MEC, para o período 1999-2001. Buscamos, através desta análise, observar o enfoque dado aos conceitos geográficos no contexto integral de cada livro, verificando a contribuição destes na construção do conhecimento no processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chaves:** construção do conhecimento, conceito, realidade, livro-didático.

---

\* Este texto é uma versão modificada da parte integrante da Dissertação "A Construção do Conhecimento Geográfico: uma análise dos conceitos nos livros didáticos", defendida em agosto de 2002, junto à UNIJUÍ, sob orientação da Professora Doutora Helena Coppetti Callai.

\*\* Professora, Licenciada em Geografia, com Especialização em Metodologia do Ensino em Geografia e Mestrado em Educação nas Ciências – Geografia, pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ, Ijuí – RS). Endereço eletrônico: madalenapavelacki@bol.com.br.

BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA	PORTO ALEGRE	Vol. 29	Nº 1	P. 77-97	JAN-JUN. 2003
--------------------------------	--------------	---------	------	----------	---------------

### **Abstract**

This article has the objective of analysing the development of the fundamental geography concepts of the educational books due to the importance we give them for teaching as necessary elements to the comprehension of the geographic space. In this sense, we tried to contextualize the importance of the fundamental concepts of geography to develop the geographic reasoning and interpret the reality. The analysis focused on educational geography books prepared for the sixth year and which are distributed to the public schools of Porto Alegre by the National Plan of Educational Books - MEC (Education and Sport Ministry), for the period 1999-2001. Through this analysis, we looked forward to observing the focus given on the geographic concepts inside the whole context of each book, checking their contribution to the construction of the knowledge in the teaching-learning process.

**Keywords:** construction of the knowledge, concept, reality, educational book.

### **Introdução**

Considerando o debate atual sobre o ensino de Geografia, fica claro que o papel desta área do conhecimento é refletir, compreender e saber pensar o espaço geográfico possibilitando ao educando condições de problematização e entendimento da realidade, de modo que este estabeleça seu processo de construção do conhecimento e de cidadania na perspectiva de superação do ensino tradicional fundamentado sobre o paradigma da “transmissão” do conhecimento. Nesse sentido, a interlocução da Geografia escolar com os conceitos científicos da ciência geográfica deve ser uma prioridade na organização da prática pedagógica, possibilitando ao educando a construção dos conceitos fundamentais da Geografia. Os conceitos são ferramentas para a interpretação da realidade e, por isso, precisam ser construídos pelo educando, considerando que os *conceitos* são representações mentais, apropriações simbólicas da realidade que possibilitam a *mediação com o mundo*. É pela mediação dos conceitos que os homens são capazes de estabelecer relações de compreensão com a sua realidade numa relação dialética, já que é ela a fonte e o objeto desse modo específico de apropriação.

### **Construção do conhecimento geográfico**

Desenvolver a prática pedagógica na dimensão da construção de conceitos requer uma nova postura do professor assumindo um novo paradigma – de mediador – diante da tarefa de construção do conhecimento e, perante a escola – como cidadão – com dever e direito à participação, pois esse trabalho exige que

o professor estabeleça relações de dialogicidade e participação, conhecendo melhor seus alunos e percebendo as possibilidades de avançar em sua proposta. A ação pedagógica deve estar pautada na ética, na dignidade e na autonomia do educando, portanto numa concepção de educação libertadora, pois entendemos que trabalhar com os conceitos no ensino de Geografia não significa transmitir definições prontas, mas construir esses conceitos com os alunos, estabelecendo esquemas conceituais para que sirvam de instrumento de interpretação da realidade e operacionalização do cotidiano.

Construir conhecimento consiste em valorizar o saber prévio do educando na elaboração de novos conhecimentos, por isso esse processo não deve ser uma forma de "depositar" informações pelo professor como por muito tempo ocorreu. Os saberes do aluno, suas representações servem para fazer a análise e problematização da realidade com novos elementos que a ele serão apresentados. Esse é um movimento que se estabelece, inicialmente, pela confrontação entre um saber e outro, que não significa justaposição e pode ser até de negação dos conceitos cotidianos para a construção de conhecimentos mais elaborados – em uma perspectiva de valorização dos conhecimentos sistematizados pela humanidade –, pois não podemos ficar somente no cotidiano, é preciso avançar através da pesquisa, da análise, do diálogo no confronto de saberes e no desafio de novas experiências.

Assim, no trabalho pedagógico efetivado em uma perspectiva progressista tendo a pesquisa como metodologia<sup>1</sup>, o saber prévio do aluno transforma-se em recurso para novas aprendizagens, pois os saberes são valorizados sendo ponto de partida para construir novos saberes através da análise. Isso significa possibilitar aos sujeitos, agentes do processo, a comunicação e o entendimento das tematizações e conceituações, construindo uma visão crítica da realidade. A transformação dos pré-conceitos individuais em aprendizagem coletiva e científica permite que a escola seja efetivamente espaço de reflexão e reconstrução do mundo da vida.

Possibilitar ao educando comunicação e entendimento da realidade é tarefa da escola e principalmente do educador, ajudando o educando a aprender a pensar através da reflexão crítica articulando a "interlocução entre os conceitos prévios construídos nas práticas sociais e culturais e o conhecimento organizado e didaticamente estruturado pela ciência" (SANTIAGO, s.d, p.7). Cada área do conhecimento constitui-se de um corpo conceitual que possibilita organizar informações/conhecimentos sobre determinado aspecto da realidade. Nesse

---

<sup>1</sup> O tema sobre pesquisa pode ser aprofundado nas obras de Paulo Freire (1998), Carlos R. Brandão (1981) e Pedro Demo (1996, 2000), entre outros.

sentido, desenvolver a aprendizagem sobre os conceitos, de forma a construí-los no processo pedagógico, é permitir ao educando a compreensão científica do mundo sob o olhar de uma determinada área do conhecimento. Isso porque os conceitos são “significados” aprendidos e internalizados pelo indivíduo e compartilhados com outros sujeitos, passando a ser uma representação mental que serve de signo mediador para a compreensão do mundo. Como explica Anna Rosa Santiago (s.d., p. 8):

*[...] no desenvolvimento da aprendizagem, a interação de esquemas mentais anteriores com novas informações amplia os conceitos prévios – isto é, noções ou idéias sobre algo construídas pelo ‘senso comum’ – ressignificando saberes já existentes em permanente processo de construção, reconstrução e subjetivação da cultura, na imensa cadeia de incorporação que é a nossa vida em sociedade.*

Para Vygotsky (1998), o desenvolvimento dos conceitos envolve processos psicológicos complexos de pensamento que não podem ser ensinados pela transmissão, pela repetição das palavras, ou por meio de treinamento, uma vez que esse processo deve ser realizado quando o próprio desenvolvimento mental da criança já tiver atingido o nível necessário. Isso não significa que devemos esperar a criança “ficar pronta”, pois ela vai constituindo-se como sujeito histórico e cultural o que implica a existência de condições de aprendizagem para a construção de conceitos. Nesse sentido, Vygotsky (1998, p.104) considera que: “o desenvolvimento dos conceitos, ou dos significados das palavras, pressupõe o desenvolvimento de muitas funções intelectuais: atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar”. Para o autor, os conceitos não podem ser dominados apenas com uma aprendizagem inicial, a qual deve ser constante e envolver generalizações cada vez mais elevadas.

O conhecimento se constrói pela ação do sujeito sobre o mundo e é o resultado da ação do sujeito sobre o objeto de conhecimento. Essa ação pode acontecer pela capacidade do próprio sujeito. Porém, para estabelecer novas relações, faz-se necessária a mediação, a ajuda do *Outro* e da estrutura conceitual de cada ciência. Por isso entendemos que a mediação, no caso do educador, deve ser no sentido de criar possibilidades para aprofundar a ação do educando de modo que ele próprio seja capaz de construir o seu conhecimento. Para Santiago, cada área do conhecimento utiliza-se de um sistema estrutural de informações, de uma estrutura conceitual que dá sentido a essas informações possibilitando que sejam utilizadas em situações práticas. Na ação pedagógica, esse é um processo de significação e ressignificação de informações que “produz o estabelecimento de relações em experiências novas ampliando progressivamente o campo conceitual do sujeito que aprende e, em consequência, a sua capacidade de manipular informações e interferir na realidade” (SANTIAGO, s.d, p. 9).

Nesse sentido, entendemos que a Geografia, como uma área do conhecimento, desenvolveu um campo conceitual que lhe confere linguagem própria e que possibilita fazer o *olhar geográfico*, ou seja, a interpretação da realidade a partir da espacialidade. Do campo conceitual da Geografia, alguns conceitos vêm sendo considerados fundamentais, tais como: espaço geográfico, paisagem, lugar, território, região, natureza, sociedade, entre outros. No processo de aprendizagem, esses conceitos devem ser construídos gradualmente pelo educando, relacionando as significações cotidianas e enriquecendo-as pelas significações científicas e, a partir disso, formar novos conceitos que lhe darão nova referência e estruturação:

*A aprendizagem de conceitos incorpora-se ao sujeito como um novo modo de ver a realidade não devendo ser definitivamente esquecida. Poderá ser modificada pela incorporação de conceitos novos ou, temporariamente, não lembrada, todavia voltará à consciência sempre que houver uma interpelação do meio* (SANTIAGO, s.d., p.10).

Os conceitos nos possibilitam fazer generalizações pelo uso da palavra. Porém, os significados das palavras evoluem; assim, devemos ficar atentos ao caminho a percorrer para a construção do conceito, a série a ser trabalhada, o nível de abstração da criança. “A construção de conceitos é uma habilidade fundamental para a vida cotidiana, uma vez que possibilita à pessoa organizar a realidade, estabelecer classes de objetos e trocar experiência com o outro” (CAVALCANTI, 1998, p.139).

No entanto, devemos ter o cuidado de não confundir *realidade empírica* (aquilo que vemos) com *realidade concreta* (múltiplas determinações, além das aparências). Assim, para percebermos o que é mais importante e significativo para o educando, devemos nos inserir na prática social resgatando a realidade concreta e, a partir dela, desenvolver o processo de conhecimento. Nesse processo de construção do conhecimento, a proposta deve estar articulada com objetivos, conteúdos significativos e métodos que viabilizem a análise e síntese da realidade como totalidade, colocando-nos como mediadores entre o educando e o objeto do conhecimento. Dessa maneira, entendemos que é a partir da prática social e da representação que dela se tem (dos conceitos cotidianos) que a educação escolar deve possibilitar a sistematização do conhecimento de modo a superar o conhecimento sincrético, parcelado, muitas vezes confuso e dissociado do real e construir o conhecimento científico. O conteúdo curricular escolar deve selecionar informações estruturadas em torno dos conceitos científicos, possibilitando a complexidade e a ampliação do saber.

Para considerar os conceitos como instrumentos de interpretação da realidade, o professor deve ter clareza desse papel e fazer a reflexão do seu método pedagógico, considerando essas representações mentais (conceitos) como meio

de abstrair a realidade para fazer a análise, comparação e reflexão que lhe possibilite a compreensão do mundo da vida.

Os conceitos permitem-nos fazer a interpretação geográfica da realidade, pois são instrumentos para efetuarmos a leitura da mesma e a apreensão do conhecimento do mundo em que vivemos. Os conceitos possibilitam essa interpretação porque eles renovam-se com a história social, não são estáveis, estão sujeitos à inovação, permitindo, dessa forma, o ensino calcado na realidade. Com o objetivo de construir conceitos com os alunos, o professor tem condições de renovar o ensino, pois não fica preso a conteúdos pré-determinados.

Tradicionalmente, o conteúdo determinou o processo de ensino-aprendizagem pela prática da transmissão/memorização, ou seja, pela exposição da matéria e exercícios de fixação, tendo esse conteúdo o *status* de verdade absoluta. Porém, quando a proposta busca a construção do conhecimento, o conteúdo tem outro significado, o que não quer dizer que devamos esquecê-lo, mas considerá-lo como meio para conhecer e interpretar a realidade, ou seja, o conteúdo deve servir de mediação e não fim em si mesmo. Segundo Cavalcanti (1999, p. 117):

*O conhecimento mais integrado do espaço de vivência requer hoje, mais que antes, instrumentos conceituais que tornem possível apreender o máximo dessa espacialidade; daí a preocupação de organizar conteúdos buscando a formação de conceitos geográficos.*

Como as outras ciências, a Geografia constitui-se de conceitos que nos possibilitam objetivar nossa análise na leitura da realidade numa visão específica, conferindo identidade à Geografia. Nesse sentido, nossa escolha privilegiou determinados conceitos, como *espaço geográfico, paisagem, lugar, território, região, natureza e sociedade*, que são fundamentais e universais para a Geografia. A seleção desses conceitos, e não de outros da ciência geográfica, define-se por um recorte de análise e pela importância e significação que esses conceitos fundamentais têm no processo de ensino-aprendizagem. Assim, selecionamos os conceitos a partir de estudos, principalmente de autores que tratam dessa questão no ensino de Geografia, entre os quais destacamos: Cavalcanti (1998, 1999), Rua (1998), Callai (1994, 2000), Pereira (1996) e, também, de teóricos da Geografia como Santos (1996, 1997, 1998) e Corrêa (1995).

### **Os conceitos analisados nos livros didáticos**

O propósito de verificar o desenvolvimento dos conceitos fundamentais de Geografia nos livros didáticos ocorre pela importância que atribuímos a eles no ensino enquanto elementos necessários à compreensão do espaço geográfico, pois com eles interpretamos a espacialidade dos fenômenos – especificidade da Geografia,



ou seja, é através dos conceitos que podemos efetuar o olhar, a leitura geográfica da realidade enquanto totalidade. Assim, ao destacarmos *espaço geográfico, paisagem, lugar, território, região, natureza e sociedade* como conceitos fundamentais da Geografia, objeto deste trabalho, não queremos reduzi-los a eles mesmos, pois, para o educando construir esses conceitos são necessários outros como, por exemplo, para construir o conceito de sociedade é preciso trabalhar com os conceitos de grupos sociais, comunidade do aluno, classes sociais, desigualdades, renda, etc., que precisam estar inter-relacionados e serem desenvolvidos através dos conteúdos de ensino.

A escolha dos livros didáticos a serem analisados neste trabalho foi definida após fazermos um levantamento dos livros utilizados nas escolas de Porto Alegre. Através da Secretaria Estadual de Educação, tivemos acesso a uma lista<sup>2</sup> de livros didáticos distribuídos pelo Ministério da Educação e do Desporto/MEC e Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação/FNDE, por meio do Programa Nacional do Livro Didático/PNLD, aos alunos das escolas públicas de Porto Alegre. Decidimos que seriam analisados os livros didáticos de Geografia para a sexta série do ensino fundamental, delimitando, assim, a abrangência da análise. Esses livros selecionados para a análise foram distribuídos às escolas a partir da escolha<sup>3</sup>, pelos professores, dos livros relacionados e presentes no *Guia do Livro Didático* de 5ª a 8ª séries (MEC/PNLD, 1998) para o período de 1999 a 2001. Portanto, são livros que, de alguma forma, estão sendo usados tanto nas escolas públicas de Porto Alegre como em outros municípios do Estado e do País. Entre as escolhas a serem feitas, que são poucas, está a opção que os professores e alunos das escolas públicas têm de ter acesso – ou não – a esse recurso que, bem ou mal, ainda é muito “útil” ao ensino-aprendizagem.

Para apresentar a análise da abordagem dos conceitos nos livros didáticos, usaremos a sigla **LD**, seguida da numeração de **1 a 4** para identificar cada livro, facilitando a escrita, pois repetiremos várias vezes o termo para referirmo-nos ao livro didático em questão. Nesse texto, trabalhamos alguns pontos da caracterização dos livros didáticos com a intenção de situar melhor as referências sobre os conceitos em cada livro.

---

<sup>2</sup> Esta lista, fornecida pela Secretaria da Educação – RS, apresenta a quantidade e os títulos dos livros de todas as disciplinas, distribuídos pelo Ministério da Educação e do Desporto e Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – MEC/FNDE, através do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, para o período de 1999-2001, às escolas públicas do município de Porto Alegre.

<sup>3</sup> Os livros distribuídos Pelo MEC/FNDE nem sempre correspondem aos títulos escolhidos pelos professores, pois há uma sistemática em que o mesmo deve indicar uma segunda opção de escolha e, não raras vezes, é contemplado com outra opção de títulos que não a escolhida pelos professores.



**LD1 - O Espaço Social e o Espaço Brasileiro.** v. 2, 14 ed. São Paulo: Ática, 1998. Autoria de José William Vesentini e Vânia Vlach. É o volume 2 da coleção "Geografia Crítica", de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental. O **LD1** é destinado à 6ª série, abordando conteúdos a partir de temas atuais considerando o processo de formação do espaço geográfico brasileiro e o desenvolvimento das regiões geoeconômicas ou complexos regionais. Com os temas trabalhados são desenvolvidos conceitos de espaço geográfico, sociedade, natureza e paisagem, entre outros.

**LD2 - O Brasil e suas Regiões Geoeconômicas.** v. 2, 3 ed. São Paulo: Moderna, 1999. De autoria de Melhem Adas. É o segundo volume da coleção de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental, trabalhando conteúdos sobre o espaço brasileiro com ênfase na formação sócio-econômica do país e nos problemas sociais, desenvolvendo ainda os aspectos econômicos, sociais e naturais dos complexos regionais. O autor mantém uma postura crítica no desenvolvimento dos temas, possibilitando ao aluno a compreensão da realidade brasileira.

**LD3 - Espaço Brasileiro,** v.2, 33 ed. São Paulo: Ática, 1999. De Igor Moreira. Este é o segundo volume da coleção *Geografia Nova* de 5ª a 8ª série. Também trata de conteúdos voltados para a 6ª série sobre o espaço brasileiro, porém com enfoque mais descritivo. Em relação à regionalização do Brasil, assunto trabalhado em todos os livros analisados, o autor opta por trabalhar com as cinco regiões do IBGE em seus aspectos naturais e humanos.

**LD4 - A Organização do Espaço e as Regiões Brasileiras,** v. 2. São Paulo: Moderna, 1998. De autoria de Guiomar Goulart de Azevedo. Este volume faz parte da coleção *A Geografia* e destina-se também a alunos de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental. Apresenta uma caracterização geral do espaço e da sociedade brasileira, destacando conceitos como natureza, paisagem, desigualdades sociais e urbanização. A autora trabalha a organização do espaço brasileiro através do processo histórico de ocupação territorial pelos ciclos geoeconômicos, destacando a importância do trabalho humano na modificação e construção do espaço. Depois de apresentar os critérios e tipos de regionalização, a autora trabalha aspectos naturais, sociais e econômicos dos complexos regionais do Brasil.

A análise dos conceitos de *espaço geográfico, paisagem, lugar, território, região, natureza e sociedade* nos livros didáticos foi desenvolvida a partir da leitura integral e rigorosa de todos os livros analisados, da observação dos exercícios e das atividades propostas em cada livro, da coerência entre a proposta teórico-metodológica e dos conteúdos desenvolvidos. Com esses requisitos, analisamos de que modo cada conceito foi desenvolvido no conjunto de cada livro didático. Apresentaremos a seguir as observações sobre cada um dos conceitos analisados nos livros didáticos.

### **Espaço geográfico**

**LD1:** Os autores trabalham com a hipótese de que a relação sociedade-natureza produz e transforma o espaço geográfico. Isso é demonstrado com o desenvolvimento dos conceitos de paisagem, natureza, tecnologia, sociedade moderna, etc. Com esse enfoque, o conceito é assim especificado:

*Espaço geográfico é o resultado da ação humana sobre a natureza, modificando-a. É o meio em que vivemos. Homem e natureza são, portanto, os elementos fundamentais para a construção e transformação do espaço geográfico, onde a humanidade habita. A atividade humana modifica constantemente esse espaço. Por isso dizemos que o homem constrói e produz o espaço geográfico (VESENTINI; VLACH, 1998, p. 9).*

Os conteúdos do livro são desenvolvidos de forma coerente com o objetivo de construção do conceito de espaço com uma linguagem adequada que possibilite, no estudo deste e de outros temas propostos, a construção do conceito pelo aluno. Os autores alertam, no manual, para a necessidade de o professor estar atento para trabalhar os conceitos de forma que não sejam “repassados” como verdade única. Destacam a importância da realização de atividades e experiências que possibilitem a relação da realidade do aluno com os conhecimentos construídos pela abstração resultante da compreensão, análise e síntese desta realidade.

O **LD1** mostra que o espaço geográfico é construído por diversos agentes (entre eles o Estado) e que as transformações ocorrem, principalmente, pela ação de produção de atividades econômicas que são relacionadas à divisão social e territorial do trabalho. Em vários momentos, no texto, os autores procuram mostrar que a produção do espaço geográfico pela sociedade não se dá numa relação harmônica entre ela própria e a natureza, mostrando também que o próprio espaço reflete as contradições que se estabelecem nessa relação da sociedade.

**LD2:** Para Melhen Adas, o homem, através do trabalho e ao longo da história, constrói e produz o seu espaço geográfico, incluindo assim a natureza e a sociedade como parte do espaço. O autor do **LD2** parte do pressuposto de que o espaço é uma produção histórica e social de todos os homens, porém politicamente organizado segundo os interesses dos grupos hegemônicos, e que as transformações no espaço são de maior ou de menor intensidade, em decorrência das técnicas desenvolvidas pela sociedade, o que determina também o uso e a modificação da natureza. Dessa forma, o conhecimento do espaço geográfico faz-se importante, pois permite entender as diferenças sociais e espaciais nele expressas através da paisagem que são as “marcas” da sociedade. O conceito é assim apresentado:

*O espaço geográfico, construído pelos homens ao longo das gerações que nele viveram, apresenta as marcas de como a sociedade se organiza e distribui as riquezas entre as pessoas através do tempo (ADAS, 1999, p. 62).*

Os textos permitem que o conceito seja construído à medida que vão sendo estudados elementos que constituem o espaço geográfico, principalmente no desenvolvimento dos conteúdos dos capítulos cinco e seis. Nesses capítulos, o autor trabalha as divisões regionais como formas de organização do espaço de acordo com diferentes interesses, principalmente do Estado. Através do conteúdo, trabalha com conceitos de espaço geográfico, lugar e território. O autor explica, ainda, como a sociedade organizada produz e transforma o espaço no processo histórico, considerando o espaço geográfico como expressão da forma de organização da sociedade. Melhem Adas tem a preocupação de demonstrar que o espaço geográfico não é de todos, que sua ocupação, utilização e organização dá-se de acordo com os interesses e o poder político e econômico.

**LD3:** O conceito de espaço geográfico é apresentado na introdução do volume 1 da coleção – *O espaço do homem* –, sendo pouco trabalhado no **LD3**, volume 2 – *O espaço brasileiro* (objeto de nossa análise). A primeira unidade tem como título “A utilização do espaço”, com apresentação de um mapa: *o espaço geográfico brasileiro* que se refere às atividades econômicas, mas não desenvolve o conceito. O conteúdo da unidade trata da industrialização, agricultura e urbanização, mas não trabalha a relação dessas atividades com o espaço geográfico. Com isso, o texto não mostra a relação da sociedade com a natureza no desenvolvimento dessas atividades e as conseqüentes transformações e construção do espaço. Somente no capítulo cinco há uma referência considerando que:

*O espaço em que vivemos é constituído por elementos naturais mais ou menos modificados pelo homem e por elementos humanos e sociais. [...] Os diversos elementos da vida social, como as leis, as diferenças de renda entre as pessoas, seus interesses e seus costumes, também fazem parte do espaço geográfico (MOREIRA, 1999, p. 43).*

A idéia de espaço brasileiro é apresentada na página 46, com o tema *A integração espacial*, em função das atividades econômicas que tornam as regiões interdependentes e dependentes do Sudeste. Também o texto complementar *A formação do espaço nacional* aprofunda o conceito no sentido de construção social do espaço.

**LD4:** O conceito é bem trabalhado na unidade II, principalmente no capítulo três, com destaque, por exemplo, para o quadro 3.1 que enfoca a construção do espaço geográfico pela sociedade no processo histórico por meio do trabalho. A forma como o texto vai abordando o tema sobre a organização do espaço brasileiro

possibilita a construção gradativa do conceito. Algumas definições se destacam no texto, como as que seguem:

- Por meio do seu trabalho, o homem introduz modificações consideráveis no espaço.
- O homem é um ser dotado de inteligência e, por isso, capaz de desenvolver técnicas avançadas. Quando constrói habitação, estradas, cidades [...] ele está não apenas modificando a natureza, mas igualmente organizando ou construindo o espaço.
- A construção do espaço depende do nível cultural e do grau de desenvolvimento dos grupos humanos. Ao longo da história os grupos humanos vão organizando o espaço em função das condições naturais, das atividades que praticam, das técnicas que empregam, bem como do relacionamento que mantêm entre si e com os outros grupos (AZEVEDO, 1998, p. 22-23).

No desenvolvimento dos conteúdos sobre as atividades econômicas, há relações entre estas e a transformação e degradação da natureza, a construção do espaço geográfico e a transformação da paisagem, como, por exemplo, dos danos ao meio ambiente causados pela agricultura moderna, pelo avanço das fronteiras agrícolas, pela relação entre agricultura e indústria, pela modificação do espaço urbano e rural, pela integração do espaço nacional, etc.

### **Paisagem**

**LD1:** Logo no primeiro texto sobre o *espaço geográfico*, o conceito é trabalhado considerando *paisagem* como sendo uma parte do espaço onde vivemos, ou seja, da superfície terrestre. É uma área que vemos ao nosso redor, que podemos observar numa fotografia ou pintura. O texto propõe para o aluno a imaginação de diferentes paisagens que pode observar no dia a dia, depois propõe a análise e comparação através do texto e de gravuras com alterações das diferentes paisagens. O **LD1** apresenta o homem como o principal transformador das paisagens, principalmente das paisagens urbanas que são constantemente reconstruídas, interferindo na transformação e destruição da natureza através do trabalho e da tecnologia levando, conseqüentemente, à transformação do espaço geográfico. Esta abordagem permite a construção do conceito que considera a aparência (*paisagem*) como resultado da ação humana a cada momento histórico, diferenciando-se da abordagem que ainda prevalece na Geografia, da paisagem como natural, bela, divina e intocável.

**LD2:** Melhem Adas não apresenta definição do conceito de paisagem, mas no estudo da realidade social brasileira mostra, por exemplo, que a cidade é a paisagem ideal para observarmos as desigualdades sociais. Assim, propõe exercícios de imaginação para perceber as diferentes paisagens da cidade. Quando

o autor trabalha com as formas de organização do espaço geográfico, faz a comparação de diferentes paisagens como “marcas” da sociedade no processo histórico de construção do espaço.

**LD3:** A referência à paisagem é realizada no tema sobre a urbanização brasileira pelas diferenças entre uma cidade e outra, onde o autor considera que “as paisagens urbanas dependem de fatores naturais e, sobretudo humanos ou sociais” (MOREIRA, 1999, p. 36). O fator natural, como o relevo, por exemplo, influencia no traçado da cidade e o fator humano, na composição de sociedade, indicando as condições sociais que são percebíveis nas diferenças entre os bairros e os tipos de residências. Nesse volume, o conceito é usado para diferenciar os espaços regionais do Brasil, sendo identificados os elementos predominantes na paisagem de cada região, destacando-se as transformações nas paisagens da Amazônia com o aumento da população, principalmente no sentido de mostrar as transformações e destruição da natureza pela ocupação do espaço que, até a década de 1960, era pouco ocupado.

**LD4:** O livro começa trabalhando o conceito a partir da natureza e da inter-relação dos elementos considerando, inicialmente, a paisagem como resultado da ação conjunta de todos os elementos da natureza que atuam integrada e simultaneamente uns interferindo nos outros. Nessa relação dos elementos da natureza para a formação da paisagem, a autora exemplifica com o Brasil e a predominância de paisagens relacionadas ao clima quente. Ao trabalhar sobre a construção do espaço pelas atividades econômicas, os textos vão mostrando diferentes paisagens construídas pela sociedade. No desenvolvimento dos conteúdos, vai sendo trabalhada a noção de paisagem como resultado da atuação do homem sobre o espaço, criando diferentes paisagens do ponto de vista econômico, social e cultural. A autora procura, também, mostrar as diferentes “paisagens” através de fotos e ilustrações.

### **Lugar**

O conceito é trabalhado nos livros de 5ª série, por Vesentini e Vlach e por Melhen Adas, que relacionam o conceito de lugar ao de espaço geográfico, em suas várias dimensões: casa, rua, bairro, cidade, etc. Melhen Adas também faz referência ao conceito de lugar no capítulo 5 do **LD2**, porém superficialmente, enquanto Igor Moreira e Guiomar Azevedo não fazem nenhum enfoque específico sobre o tema, nem mesmo quando trabalham com os conteúdos sobre paisagem e espaço geográfico. Considerando a importância desse conceito para a Geografia, é lamentável que não seja bem trabalhado nos livros de 6ª série. Os conceitos básicos da Geografia, como vimos, precisam estar sempre presentes como

ferramentas para o estudo da espacialidade, principalmente o conceito de lugar, que possibilita, através da análise do espaço de vivência do aluno, compreender o conceito e outros elementos que constituem o espaço geográfico.

### **Território**

**LD1:** O conceito é trabalhado através da idéia de constituição do território nacional, ou seja, pela formação histórico-econômica do Brasil como Estado. O conceito de território é usado para considerar a extensão, área (tamanho do país) e sua ocupação, inicialmente pela colonização e urbanização. Aí pode ser enfocado o conceito de território como idéia de posse, apropriação do espaço pela sociedade ou simplesmente considerado como área e extensão, o que dependerá da abordagem feita pelo professor, pois no texto a idéia fica em aberto. O livro mostra que, dependendo do tipo de ocupação do *território* e das atividades econômicas desenvolvidas pela sociedade, estas deixarão marcas no espaço aparentes pela paisagem. Como exemplo existem algumas capitais nordestinas que ainda mostram, através da arquitetura, os traços da colonização portuguesa. A ênfase maior é dada aos "recortes" do território brasileiro, ou seja, à divisão regional.

**LD2:** Melhem Adas também aborda o conceito de território como área, considerando o Brasil como um *território de dimensões continentais*. Trabalha a posição e localização do território brasileiro e suas características físicas como relevo e clima. Portanto, o destaque maior é dado à noção de área desenvolvida no primeiro capítulo. É importante o professor contextualizar os temas desenvolvidos nesse capítulo com os demais para não transmitir a idéia de que o Brasil foi sempre assim, principalmente quanto aos capítulos cinco e seis, nos quais o autor trabalha a organização do espaço brasileiro e sua forma de ocupação de acordo com a divisão internacional do trabalho.

**LD3:** Como nos outros manuais, o conceito é apresentado no texto introdutório ao livro como área ocupada pela sociedade. "O Brasil é o quinto país do mundo em extensão territorial [...] o território brasileiro é quase todo habitável, não temos desertos nem altas montanhas" (MOREIRA, 1999, p. 4). Depois são apresentadas as dimensões do território brasileiro, bem como sua posição e localização. A referência ao modo de ocupação do território é feita no estudo das regiões brasileiras, onde se destaca, principalmente, o uso da terra pela sociedade desde a colonização.

**LD4:** Assim como os demais livros, este trata o território como área e, no caso do território brasileiro, de grande extensão e condições naturais favoráveis à ocupação, com grande variedade de recursos naturais e numerosa população,



e que, contraditoriamente ao que era possível, ocorreu uma ocupação desigual e geradora dos grandes problemas de ordem social e econômica. É recomendável trabalhar com o conceito de território no capítulo três, onde são tratadas a ocupação e a organização do espaço brasileiro, o que dependerá do enfoque dado pelo professor na interpretação do texto.

### **Região**

**LD1:** O conceito é trabalhado a partir da formação histórica que deu origem às diversidades regionais, principalmente no caso do Brasil. Para os autores, os contrastes regionais no interior do território brasileiro decorrem da formação histórico-econômica do nosso país, ou seja, devem-se ao modo pelo qual o Brasil desenvolveu-se desde sua colonização por Portugal até a independência e posterior industrialização e urbanização, ocorridas principalmente no século XX. Com esse enfoque para a questão regional, o livro considera inadequada a divisão regional efetuada pelo IBGE em cinco regiões, por ser feita a partir dos limites dos estados, não refletindo as características das mesmas. Outro tipo de regionalização, como regiões geoeconômicas ou complexos regionais (Amazônia, o Nordeste e o Centro Sul), é considerado mais coerente na conceitualização com base na formação histórico-econômica do país.

Com a caracterização das regiões, as inter-relações entre elas e os contrastes, além das atividades propostas pelo livro, é possível desenvolver o conceito. Os exercícios propostos permitem aos alunos fazer uma análise baseada no raciocínio crítico sobre o tema. O conteúdo apresentado sobre os complexos regionais tem uma abordagem crítica mostrando as características, as razões e por que se apresentam assim, diferenciando-se, neste sentido, dos livros didáticos tradicionais que fazem simplesmente uma "descrição" linear dos aspectos físicos, humanos e econômicos enquanto fenômenos estáticos.

**LD2:** A partir da significação de regionalização como "divisão" de um espaço em regiões, ou seja, em partes menores, o autor destaca a importância das regiões para a administração e o planejamento para "facilitar" as ações governamentais. Considera que o planejamento regional é um meio para conseguir o desenvolvimento econômico de uma região, desde que seja feito com conhecimento da localização geográfica, característica física ou natural, social e econômica, com o objetivo de organizar o espaço geográfico. Como exemplo de divisão regional para esse fim, o autor trabalha a divisão regional do IBGE. Para fazer o estudo geográfico do espaço brasileiro, o autor segue a divisão regional em *complexos regionais*, com base na formação histórica e econômica, por considerá-la mais adequada à proposta do livro. Com essa forma de apresentar as divisões regionais, é possível entender que as regiões são conseqüências das divisões de um espaço maior para atender a diferentes interesses ou finalidades.

**LD3:** O conceito é abordado como necessidade de divisão do espaço devido às grandes diferenças em seu conjunto, especificamente o espaço brasileiro, sendo, portanto, essas diferenças que compõem o espaço, chamadas de regiões. O autor define região como parte do espaço com determinadas características naturais e, sobretudo, humanas. Considera que não há dependência de tamanho do espaço para constituição de uma região e sim pela necessidade de estudo ou planejamento. Quanto à divisão regional no Brasil, o autor apresenta num mesmo mapa as cinco regiões do IBGE e as três grandes regiões geoeconômicas, o que dificulta a identificação das mesmas pelos alunos. Desenvolve o conteúdo de estudo do espaço brasileiro de acordo com as cinco regiões administrativas, primeiro fazendo uma caracterização geral das mesmas e comparando-as. Depois, de forma tradicional, faz uma descrição dos aspectos físicos, humanos e econômicos.

**LD4:** O conceito é desenvolvido a partir das diversidades existentes no espaço, tanto do ponto de vista das condições naturais quanto das econômicas, políticas e sociais, o que leva à necessidade de dividir o território em regiões a partir de determinados critérios. A autora considera que, dependendo da finalidade a que se destine, podemos definir diferentes regionalizações, não sendo necessário limitar-nos às divisões com objetivo estatístico (no caso das cinco regiões do IBGE), didático ou de planejamento. Com essa abordagem, entendemos ser possível para o aluno construir o conceito de região. O texto faz uma caracterização geral e comparação entre as cinco regiões do IBGE, mostrando também algumas falhas desta regionalização. A ênfase maior para desenvolver os conteúdos sobre o Brasil é dada a partir dos complexos regionais definidos no livro, como *divisão regional com base na organização espacial*.

### **Natureza**

**LD1:** O conceito é enfocado no processo de construção do espaço geográfico quando o homem vai transformando o seu meio de acordo com as necessidades e interesses de produção, de moradia, de lazer, etc. Nesse sentido, a natureza é considerada como recurso para a sociedade humana. No desenvolvimento dos temas, os autores vão apresentando as transformações por que passa a natureza, tornando-se matéria-prima por meio do trabalho. Este é entendido como a relação estabelecida entre os homens e a natureza. Mostram os autores como o trabalho é realizado de acordo com o nível tecnológico da sociedade em diferentes momentos do processo histórico, como na sociedade pré-industrial e atual sociedade moderna e industrial. Eles sugerem, ainda, atividades práticas para melhor apropriação do conceito. No decorrer do texto, apresentam várias situações para facilitar o entendimento do conceito, principalmente através de ilustrações que possibilitam fazer interlocução com os conceitos de natureza, paisagem, tecnologia e trabalho.

**LD2:** Os conteúdos apresentados estão voltados a discutir as questões sócio-econômicas e ambientais, principalmente em relação aos recursos da Amazônia. O conceito de natureza é mais trabalhado no volume 1 que no volume 2 da coleção. Porém, é tratado com mais destaque na leitura complementar da página 67, que trata das transformações da natureza pela sociedade moderna.

**LD3:** O conceito é trabalhado de forma fragmentada e referindo-se à natureza como palco e recurso para as atividades econômicas da sociedade em cada região. A descrição dos elementos da natureza como relevo, clima, hidrografia, entre outros, é apresentada sem uma contextualização das relações entre o homem e a natureza: o homem (pobre) aparece como destruidor da natureza como no texto complementar das páginas 58 e 59. Outros textos complementares dão ênfase para a questão ambiental, principalmente para as ações de combate à poluição.

**LD4:** O conceito é desenvolvido no contexto das paisagens do espaço brasileiro em suas diversidades e contrastes. Os recursos naturais (elementos da natureza) são estudados como matéria-prima e fonte energética para a indústria. O conceito é definido como “os diversos elementos que compõem a natureza (terras, águas, ar, seres vivos, incluindo o homem) se inter-relacionam ou se combinam e produzem paisagens diferentes” (AZEVEDO, 1998, p.3).

### **Sociedade**

**LD1:** Para os autores, o conceito de sociedade não se confunde com o de “homem” tal como era estudado na Geografia tradicional. A sociedade pressupõe a existência de relações entre os grupos que a constituem e a natureza. Trabalham os diferentes tipos de sociedade historicamente construídos, caracterizando a sociedade atual como moderna ou industrial num contexto de profunda divisão do trabalho nos diferentes setores da economia. A complexidade se reflete na divisão do trabalho tanto social como territorial. Nesse sentido, a sociedade é percebida como produtora do espaço geográfico:

*Sociedade é um agrupamento de indivíduos que vivem de acordo com determinadas regras em certos espaços geográficos. Temos vários exemplos de sociedade: das abelhas, das formigas, sociedade humana etc. Em geografia, nosso interesse é voltado para a sociedade humana, pois é ela que modifica profundamente a natureza e constrói o espaço geográfico (VESENTINI; VLACH, 1998, p.16).*

O conceito vai sendo aprofundado à medida que se desenvolvem temas como a economia da sociedade moderna, a urbanização e as transformações produzidas no espaço na relação com a natureza, principalmente no processo de industrialização. Há certa complexidade no desenvolvimento do conceito.

**LD2:** O autor trabalha o conceito a partir da caracterização da sociedade brasileira, considerando o país com alto índice de industrialização e modernização. Desenvolve esta temática apresentando como ocorreu este desenvolvimento com todas as suas contradições; portanto, mostra por que o país não atingiu o desenvolvimento social. A partir desse esclarecimento, discutem, de forma muito crítica, todos os problemas brasileiros como moradia, fome, desemprego, renda, saneamento, etc.

O autor trabalha todo o livro numa concepção de crítica à realidade brasileira. Apresenta a sociedade como construtora do espaço geográfico pelo trabalho humano, mostrando, porém, que essa "construção" é desarmônica e desigual aos cidadãos, pois,

*todos os homens participam da tarefa de transformar, construir e organizar o espaço geográfico. Todos trabalham para isso. Entretanto, alguns homens e algumas empresas têm mais poder nesta tarefa.[...] No tipo de sociedade como esta em que vivemos chamada de sociedade capitalista ou economia de mercado, as pessoas diferenciam-se umas das outras pela renda, pela quantidade de dinheiro e pela propriedade dos meios de produção (ADAS, 1999, p. 62).*

**LD3:** O conceito de sociedade não é trabalhado especificamente, o que exige do professor atenção especial para fazer a interlocução com outros conceitos através dos conteúdos propostos como, por exemplo, mostrando como as atividades econômicas são desenvolvidas no espaço, pela sociedade, numa relação com a natureza através do trabalho.

**LD4:** O conceito é tratado na caracterização da sociedade brasileira, a qual é considerada de grande diversidade na distribuição populacional no território, nos tipos humanos, nos aspectos sociais e no nível de vida. Esses aspectos são mostrados no texto mediante o uso de mapas, gráficos e tabelas com os dados da população brasileira. A sociedade é tratada como transformadora e construtora do espaço.

#### **Pontos a destacar sobre cada livro didático**

Considerando o exercício de leitura e análise dos livros didáticos com as bases teóricas antes definidas, pode-se levantar diversas considerações sobre o ensino de Geografia, sobre os conceitos, sobre as escolhas dos autores, etc. A seguir destacamos alguns pontos relevantes de nossas observações sobre cada livro didático analisado.

**LD1:** Apresenta coerência entre objetivos e conteúdos, possibilitando ao professor desenvolver a ação pedagógica no sentido de construir os conceitos.

Em todas as unidades do livro são enfocados os conceitos geográficos, não apenas em sua especificidade, o que também é feito, mas no sentido de perpassar e interagir com os demais conteúdos permitindo que estes sirvam para a interpretação geográfica. Além dos conceitos considerados na nossa análise, os autores trabalham com outros como economia, estado, desenvolvimento, subdesenvolvimento, indústria, fontes de energia, urbanização, agricultura, estrutura fundiária, etc. Com a preocupação de estabelecer uma relação entre os mesmos, o livro permite ao aluno uma compreensão das relações sociedade-espaço no processo de globalização, que vivemos atualmente. Essa compreensão só é possível se houver uma boa relação pedagógica em sala de aula porque o livro oferece esta possibilidade parcialmente, dependendo da mediação do professor, principalmente numa relação de diálogo com o uso da palavra para a construção do conhecimento.

**LD2:** Trabalha com conteúdos muito significativos para o entendimento da realidade brasileira com uma produção textual muito rica, às vezes, porém, com uma linguagem difícil para crianças de 6ª série. Portanto, é importante que o professor faça a relação entre os temas para facilitar a compreensão do aluno. No volume 2, que analisamos especificamente, o autor dá maior ênfase à construção do conceito de espaço geográfico com a preocupação de mostrar que as diferenças e os problemas sociais existentes no espaço brasileiro são conseqüências da forma de ocupação, apropriação e organização do espaço. Todos os conceitos são trabalhados no conjunto do livro sempre fazendo uma análise crítica da realidade brasileira através dos temas estudados.

**LD3:** Na introdução das unidades, o autor faz referência aos conceitos geográficos, no entanto, nem sempre trabalha com esses conceitos no desenvolvimento dos conteúdos. Alguns conceitos são mais trabalhados no volume 1, onde o autor desenvolve o significado, por exemplo, de espaço, paisagem, natureza e sociedade. O autor prende-se à descrição dos conteúdos sem a preocupação de construir conceitos e desenvolver o raciocínio e a criatividade do aluno. O livro não apresenta gráficos e tabelas ou outros recursos que possam favorecer a interpretação e compreensão dos temas. Os mapas também trazem poucas informações.

**LD4:** A estrutura e a abordagem dos conteúdos do livro contribuem para o desenvolvimento dos conceitos, principalmente de paisagem (que também é trabalhado no volume 1), espaço geográfico e região. Os outros conceitos também são trabalhados, mas com menos ênfase. Apesar do enfoque sobre a construção do espaço geográfico pelo homem, os textos e atividades não se referem ao espaço

vivido pelo aluno, há poucas sugestões e possibilidade de fazer esta relação, como também não é trabalhado o conceito de lugar. Os exercícios não favorecem a interpretação crítica dos assuntos estudados, privilegiando a memorização. Apesar das críticas que a coleção vem recebendo, o volume 2 contribui como recurso didático para o ensino de Geografia, principalmente na construção de conceitos.

### **Considerações finais**

Considerando a análise que fizemos sobre o livro didático, acreditamos que ele pode servir como fonte, como um dos recursos para desenvolver a ação pedagógica com o objetivo centrado na construção dos conceitos fundamentais da Geografia, mas nunca como definidor do currículo e da metodologia da prática educativa. Nesse sentido, colocamo-nos contrários ao uso do livro didático como único recurso pedagógico. A prática educativa, numa visão libertadora e de emancipação humana, não deve restringir-se ao uso do livro didático, pois estes podem produzir o esvaziamento cultural, porque simplificam o cotidiano e ainda limitam a relação dos conhecimentos científicos. O professor que vise à construção do conhecimento do educando deverá ter sempre outros recursos e metodologias para realizar um trabalho criativo e autônomo. Por isso, acreditamos que metodologias, como a pesquisa da realidade, possibilitam compreender o mundo da vida, indo além da transmissão de conteúdos para investigar, refletir e pensar sobre o espaço e nele se organizar e viver melhor.

### **Referências bibliográficas**

- ADAS, M. **Geografia crítica** – o Brasil e suas regiões geoeconômicas. v. 2, 3 ed. São Paulo: Moderna, 1999.
- AZEVEDO, G.G. de. **Geografia: A Organização do Espaço e as Regiões Brasileiras**. v. 2. São Paulo: Moderna, 1998.
- BRANDÃO, C.R. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CALLAI, H.C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANI, A.C. (Org.) **Ensino de geografia: práticas e contextualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 83-134.
- \_\_\_\_\_. **O ensino de geografia**. Ijuí: Ed. Unijui, 1986.
- CALLAI, H.; CALLAI, J. Grupo, espaço e tempo nas séries iniciais. **Espaços da escola**, n. 11 (jan/mar) Ijuí: Ed. Unijui, 1994, p. 9-18.
- CAVALCANI, L.S. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas: Papyrus, 1998.
- \_\_\_\_\_. Propostas Curriculares de Geografia no Ensino: Algumas Referências de Análise. **Terra Livre**, n. 14, São Paulo: AGB, 1999, p. 111-128.
- CORRÊA, R.L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I.E. et al. (Org.) **Geografia conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 15-47.



DEMO, P. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho do Habermas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

\_\_\_\_\_. **Educar pela pesquisa**. 4 ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MEC. **Guia de livros didáticos – 5ª a 8ª séries – FNLD**. Brasília: MEC, 1998.

MOREIRA, I. **Geografia nova – Espaço Brasileiro**. v.2, 33 ed. São Paulo: Ática, 1999.

PEREIRA, D. Geografia escolar: uma questão de identidade, **Caderno Cedes**, n. 39. Campinas: Papirus, 1996, p. 47-56.

SANTIAGO, A.R. **Políticas públicas de educação e currículo escolar**. Digitado, s.l., s.d.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **Metamorfose do espaço habitado**. 5ªed. São Paulo: Hucitec, 1997a.

\_\_\_\_\_. **Técnica, espaço, tempo: Globalização e Meio Técnico-científico Informacional**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1997b.

\_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão**. 4 ed. São Paulo: Nobel, 1998.

VESENTINI, J.W; VLACH, V. **Geografia crítica – O Espaço Social e o Espaço Brasileiro**, v. 2, 14ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998a.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente**: 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.